

OS RESULTADOS DO PLEITO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

A derrota do sr. Ademar de Barros em São Paulo é sem dúvida alguma um dos acontecimentos mais promissores e mais agradáveis dos últimos tempos. Sob um ponto de vista dou toda a razão aos eufóricos que andam sorrindo nas ruas como se um sinal de redenção tivesse surgido nos horizontes do Brasil: há realmente um enorme proveito, um imenso valor positivo no fato de ser governador de São Paulo o professor Carvalho Pinto, e não o sr. Ademar de Barros. A diferença de perspectivas é enorme, mas convém não esquecer um outro aspecto da realidade brasileira e paulista que tem sido ofuscado pelo fulgor da vitória. Mais de um jornalista, em São Paulo e na Capital, já disse que o "povo começa a reagir contra os falsos populistas, etc., etc.". Eu mesmo andei dizendo essas coisas levado pela onda de otimismo, mas agora, com reflexão mais pausada, vejo que há certo abuso de expressão em atribuir ao povo um resultado que se caracteriza por uma diferença numérica entre duas partes do povo. Sempre defendi com fidelidade e ardor o sufrágio universal como instrumento indispensável ao processo democrático, mas nunca considerei o voto como expressão da soberana vontade do povo. Se a metade mais um de uma população escolhe um candidato A e a metade menos um escolhe o candidato B, não me parece acertado dizer que o povo escolheu o candidato A. A escolha vem do assentimento da maioria e não do povo; o que vem do povo, na medida em que todos aceitam a regra democrática, não é a escolha, é o acatamento das regras do jogo. O povo continua a ser a coisa dividida, polimórfica, estonteante, que sempre foi e sempre será. O mito da soberania popular, que levou um colunista ilustre a dizer do resultado do pleito no Rio Grande do Sul: "Roma locuta, causa finita...", repousa sobre um supersticioso processo de hipostasiação do povo. É mais um valor mágico do que um conceito racional esse que fundamenta a democracia da soberania popular, que não é, de modo algum, a democracia humanista e cristã que sirvo e defendo. Povo é multidão, diversidade, divisão. A unidade obtida pelo consentimento das regras do jogo eleitoral não deve ser transferida para outro plano e confundida com unidade de vontade e com incondicional respeito pela escolha efetivada. Aceitando a regra eleitoral, acho indiscutível a eleição do sr. Brizola, como achei indiscutível a eleição do sr. Juscelino Kubitschek, mas não praticando a religião do povo ou da soberania Popular, conservo a plena liberdade de declarar que, na minha opinião, a maioria que deu a vitória ao sr. Brizola fez uma besteira. Como também fez, e grossa, a parte da população, que nem sequer é maioria, que colocou no Catete o tio daquele rapaz que com menos de vinte anos ganhou um cartório. Parodiando Machado de Assis digo que nasci com certa independência e já agora hei de morrer com ela. Não aprendi a bajular nenhum homem tomado individualmente, não aprenderei agora, depois dos sessenta anos, a bajular três ou quatro milhões de indivíduos aglomerados. Respeito o resultado como quem respeita no outro o erro que supunho cometido de boa fé; acato o resultado, civicamente, por achar que é nesse caminho de erros e dores, nesse penoso itinerário de crescente participação na coisa pública, que os povos poderão realizar uma aproximação cada vez maior do bem comum. Respeito o resultado das urnas como quem respeita uma miséria, e não como quem de repente descobre que se enganou diante do pronunciamento infalível de uma certa cifra de eleitores. Acho repulsiva a filosofia que glorifica o exito, e particularmente repulsiva a sua aplicação aos resultados eleitorais. Agora mesmo acabo de ler os comentários humorísticos feitos sobre as esperanças destruídas no estádio do Maracanã. Eu também saborei algumas dessas desesperanças pelo que sabia dos candidatos derrotados, mas em outras só posso ver injustiça, ignorância ou estupidez do eleitorado. Há homens excelentes, de singular mérito, de invulgares virtudes que foram desclassificados; e há caçagastes, debéis mentais, mediocres, nulos, tolos, que receberam expressiva votação. Não irei por isso pregar um golpe ou um regime de emergência, como não prego o divórcio apesar de saber que há muitos conúbios miseráveis e muitos pares infelizes. Estou convencido de que a democracia e a indissolubilidade ainda são as únicas formas condizentes com a natureza das coisas; mas não posso perder de vista o teor de miséria que faz do homem um ser de trágica vocação.

Aplicando essas considerações ao caso de São Paulo, onde estou cer-

to de que a maioria votou bem, vejo que o resultado, excelente sob o ponto de vista das perspectivas abertas, nos permite avaliar até que ponto está adoentado o nosso povo. Pondere o leitor o seguinte: temos de um lado um candidato de notório saber e de inatacável honestidade, e de outro lado um aventureiro vulgar. Ora, para desempatar entre esses dois, para dar uma vantagem de vinte por cento para o sr. Carvalho Pinto, foi preciso que o sr. Jânio Quadros desenvolvesse a mais prodigiosa e inteligente campanha. Pesscas vindas de São Paulo, durante a preparação do pleito, contavam-me maravilhas da dialética do sr. Jânio Quadros, do talento oratório do sr. Jânio Quadros, dos programas de televisão do sr. Jânio Quadros. Eu saboreava as histórias que me contavam porque desejava ardentemente a vitória do sr. Carvalho Pinto; mas agora pondero que, quanto mais maravilhosa foi a campanha do sr. Jânio Quadros mais sombria será a interpretação do outro fenômeno, isto é, da quase metade do eleitorado paulista que votou em Ademar de Barros. E isto que amorteceu o júbilo do resultado paulista serve de consolo no Rio Grande do Sul. Em São Paulo é preciso não esquecer que quase a metade da população votou em Ademar de Barros, e quem deve levar isto em conta, cuidadosamente, é o sr. Carvalho Pinto que terá a incumbência tremenda de curar radicalmente a enfermidade do povo. E o remédio único é bom governo. No Rio Grande do Sul é preciso que a minoria vencida exerça a mais minuciosa vigilância para não permitir que a enfermidade triunfante tome proporções ainda mais assustadoras. Em qualquer dos casos é preciso levar em conta as minorias vencidas.

Há diversas diferenças entre política e football. Nossa gente tem certa tendência a fazer da política um football, e do football uma política. Convém portanto mostrar as diferenças e os contrastes. No football, o placard é o fim de uma história; na política, o placard é o começo de uma história. No football se justifica o júbilo diante de um placard, porque a alegria é um fruto, uma coroação, um arremate. Na política, o júbilo deveria ser mais discreto, mais vestido com as roupas peregrinas da esperança do que com as galas da festa. Sinceramente, não acho razoável que um governador eleito apareça banhado em riso. Bem sei que é muito pedir, nos tempos que correm, mas eu preferia ver meu candidato cabisbaixo sob o peso da vitória, e preferia guardar a festa, o riso, para o último dia, como fez a mulher forte do livro da sabedoria.

A mesma coisa se aplica aos resultados da Capital. Todo o "coté de chez Swann" está dizendo que o povo reagiu contra a conclusão comum petebista. Eu gostaria de acreditar nisto, e acreditando teria muito prazer de repetir a fórmula. Como porém não consegui até agora me habituar ao uso dos chavões consagrado que, crendo ou não crendo, a gente deve dizer, prefiro escrever o que me parece mais condizente com a realidade. Na realidade, a vitória de Afonso Arinos se deve ao gênio inventivo de Carlos Lacerda mais do que às decisões espontâneas do eleitorado. E o que é lisongeiro para Carlos Lacerda, como para Jânio Quadros em São Paulo, é menos lisongeiro para a situação do eleitorado. Não gosto de campanhas publicitárias, e ainda gosto menos delas, na política, quando seus agentes são geniais. O ideal que devemos incansavelmente perseguir é outro, em que a opinião pública se forme paulatinamente, se alimente de dados, se oriente pela razão e não pela emoção. Conseguimos, com esse método ruim, alguns resultados bons, alguns resultados até excelentes; mas onde o povo ficou entregue aos seus próprios recursos os resultados não são brilhantes. A Câmara Municipal do Rio se anuncia tão ruim ou pior ainda que a que termina o mandato. Ninguém acha graça em vereador, ninguém se entusiasma com o Município, e todos votam com uma terrível indiferença. Alguns dos vereadores eleitos são meros reflexos do prestígio de Carlos Lacerda, outros na própria chapa da UDN são de conhecida e espantosa mediocridade. Os piores do PTB e do PSP voltam à Câmara.

Tudo isto é sombrio e prova simplesmente que nosso pobre povo precisa de cartilha e taboada, e que os dirigentes precisam realzar uma milagrosa conversão de mentalidade. Mas podia ser pior. Não temos Brito Velho no Senado, mas temos Carvalho Pinto no governo de São Paulo. Estive sonhando com a presença de Brito Velho no Senado da República. Anunciei aos amigos quem era Brito Velho; preparei-me para escrever artigos agradecendo aos gaúchos o Senador

que nos enviaram; imaginei cenas parlamentares em que entrava a figura, a voz, o gesto e a bengala de Brito Velho. Mas em lugar de Brito Velho, o povo gaúcho mandou-nos um sr. Mondim que é ou foi integralista. E' o caso de dizer, com o poeta que cantou os dissabores de Jacó, que serviremos mais quatro ou sete anos, e que mais serviremos se não fora para tão longo amor tão curta a vida.

Tudo isto que aqui disse, meu caro leitor, não é para desanimar. E' apenas para provar que temos de dobrar ou triplicar o esforço de nosso trabalho. E para lembrar aos vitoriosos de nosso lado a festa aprazada para o dia final de seus governos.